



CaÊ

Livremente inspirado na obra do artista visual Mauro Caelum



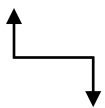
KARMA COLETIVO DE ARTES CÊNICAS



CaÊ é um espetáculo para a infância livremente inspirado na obra do artista visual **Mauro Caelum**, pai do ator **Mauro Filho**. Junto do diretor convidado **Max Reinert** a **Karma Coletivo de Artes Cênicas** cria uma dramaturgia que em vez de reafirmar a obra de Caelum, a expande e cria a partir dela **novos significados** que apontam a obra de Mauro para **novas e diversas direções**.

←
→ **sinopse**

CaÊ segue a vida na velocidade de sua bicicleta. De lugar em lugar, de caminho em caminho, vai plantando e colhendo **sonhos** por onde passa. Mas, para quem está na estrada, cada **encontro** pode ser uma surpresa. Cada parada pode ser uma chance para encontrar **algo novo**. E cada noite é uma porta de entrada para **outros mundos** ainda mais surpreendentes...

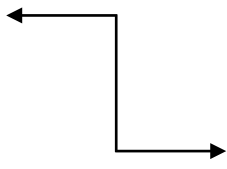


release

Livremente inspirado nas obras do artista visual, Mauro Caelum, a Karma Coletivo de Artes Cênicas de Itajaí (SC) apresenta seu primeiro espetáculo destinado à infância intitulado “CaÊ”. A pesquisa para o espetáculo partiu inicialmente dos conceitos de construção e desconstrução, da condição mutável e cíclica da vida. Mauro Filho, interprete de “CaÊ”, diz que a pesquisa inicial tomou outra forma e acabou se conectando com as obras do artista visual, especialmente depois de seu falecimento. “Pouco tempo depois do início das pesquisas meu pai, Mauro Caelum, resolveu se aventurar por mundos mais distantes. Perdi a figura paterna e o amigo para todas as horas, mas ganhei um mestre”, aponta.

O tema inicial se concretizou através das anotações, rascunhos e do material artístico de Mauro Caelum, que no espetáculo se traduz no menino CaÊ, que com sua bicicleta constrói um caminho de descobertas e surpresas, plantando sonhos por onde passa. Mauro Filho usa as expressões “viver por viver é pouco, é oco” e “sonhar pode”, frases marcantes do artista, como direcionamento de seu processo criativo e relembra a conexão das crianças com as obras do pai. “O seu trabalho sempre teve uma conexão muito grande com as crianças, ainda hoje recebo mensagens de professoras que trabalham em suas aulas a obra dele, as crianças ficam encantadas”. “CaÊ” é resultado de projeto contemplado na Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Itajaí, com renúncia fiscal da Safrio.





ficha técnica

Atuação e criação: **Mauro Filho**

Dramaturgia e encenação: **Max Reinert**

Figurino: **Denise da Luz**

Desenho nos figurinos e adereços: **Kim Coimbra**

Costuras: **Lélia Machado**

Adereços: **Karma Coletivo e Max Reinert**

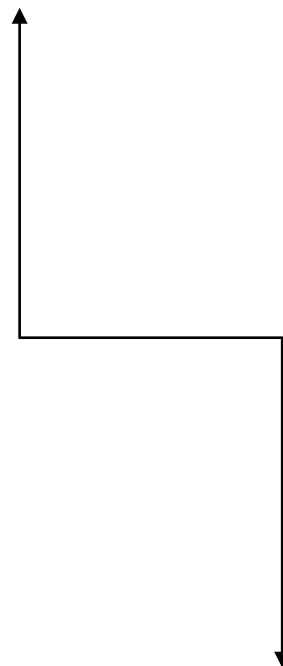
Operação técnica: **Leandro Cardoso e Pietra Garcia**

Ambientação sonora: **Hedra Rockenbach**

Animações: **Leandro Maman**

Programação visual e fotografia: **Des**

Produção: **Karma Coletivo de Artes Cênicas**



CaÊ por Mauro Filho

“Quando comecei a escrever o projeto para um novo trabalho de antemão decidi que seria dedicado ao público infantil. Na época, estava pensando na ideia de construção e desconstrução, de como as coisas são mutáveis, cíclicas, de que nada é para sempre. O desafio seria falar sobre esse universo às crianças. Depois de alguns meses, após o início das pesquisas, meu pai Mauro Caelum, artista visual e figura apaixonada pela arte e pela vida, resolveu se aventurar por mundos mais distantes. Perdi a figura paterna e o amigo para todas as horas, mas ganhei um mestre. Sua obra me direciona e através de um “viver por viver, é oco, é pouco”, e de um “sonhar pode” fui tentar entender o universo daquele homem. Foi então que mudei toda a pesquisa, pois só havia naquele momento um tema a ser pesquisado: a obra do meu pai, Mauro Caelum. Nesse processo percebi que o tema inicial não ficaria esquecido, apenas se materializaria através das agendas, rascunhos, obras e poesias deixados a mim como herança. Mergulhei de cabeça nesse universo, ora com o olhar do filho, ora com o olhar do admirador de sua obra. Nesse trabalho eu, o diretor convidado Max Reinert e a Karma Coletivo damos asas ao menino CaÊ, um personagem louco por descobrir coisas novas e plantar sonhos por onde passa”.

Proposta de encenação

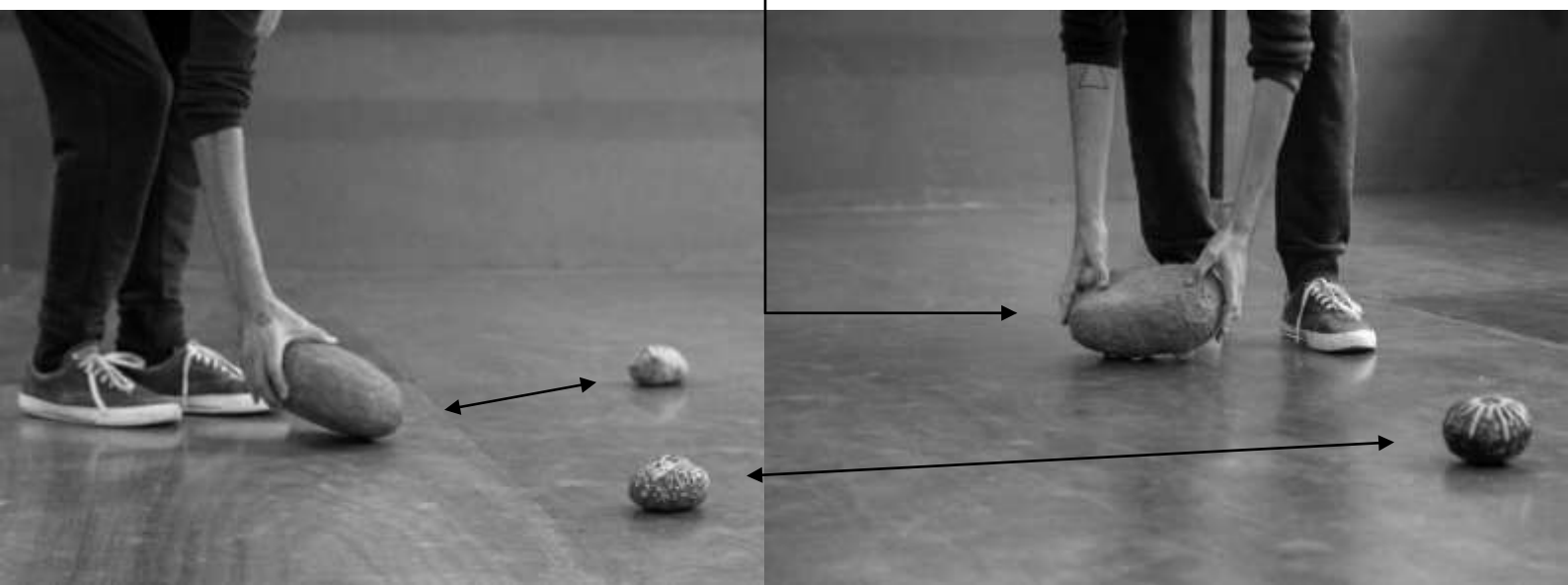
O espetáculo "Caê" é um trabalho híbrido que integra as linguagens do teatro, da dança e das artes visuais. Com aproximadamente 45min, o trabalho tem como referência o universo visual e poético do artista Mauro Caelum, sua biografia e a construção de sua linguagem.

Dramaturgicamente, o espetáculo se estrutura em quadros / capítulos. Esses quadros estão ligados às questões afetivas, buscando construir ligações entre a história do artista e a momentos de sua obra. Buscamos estabelecer paralelos com os principais momentos em que sua obra passa por transformações significativas, linkando com momentos chaves em sua vida privada. Como elemento norteador dessa trajetória, elegemos seus últimos anos de criação, tentando estabelecer como seus momentos mais profícuos são o resultado de um trabalho constante e diário com a arte. De uma convivência e simbiose, a ponto de transformar sua própria casa em ateliê aberto ao público.

Enquanto linguagem, utilizamos a dança como disparador para a construção das ações cênicas. Dessa forma, o espetáculo mantém uma atuação não-realista, buscando uma empatia não com o performer, mas sim com a obra que se expõe em frente ao público. O performer, filho do artista, como porta-voz de um discurso artístico, não um personagem, mas ele mesmo produto da relação com a obra.

Dessa forma, as contribuições dos participantes do processo foram sempre por esta linha de raciocínio: de que forma minha contribuição para o espetáculo é uma resposta ao meu contato com a obra de Mauro Caelum? A trilha sonora ajuda a compor a dramaturgia do espetáculo, não atuando somente como catalisadora de emoções, mas, principalmente, estabelecendo ligações com cada quadro / capítulo e modificando-se para construir uma trajetória, bem como os vídeos que não são ilustradores de uma narrativa, mas disparadores de imagens que compõem a dramaturgia do trabalho. O cenário e figurino são também não-realistas, mas emblemáticos ao assumir traços

criados por Mauro Caelum.



“A eterna novidade do mundo”

por **Luciana Romagnolli**

*O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
(Alberto Caeiro)*

A figura masculina alta e esguia, com um livro-chapéu vermelho sobre a cabeça e um terno repleto de desenhos que parecem hieróglifos, inaugura um mundo fantástico quando adentra o espaço com sua também estranha bicicleta, de formas incomuns. O ordinário do cotidiano dissipa-se a cada movimento de investigação e assombro desse menino grande diante do que o futuro traz. Abandonada a razão prática da vida, aviva-se a sensação iminente de que qualquer coisa pode acontecer.

São os olhos curiosos do ator *Mauro Filho* os guias para essa deriva imaginativa entre os caminhos desabrochados no espetáculo “CaÊ”. Sempre expressivos, atentos às sutilezas das coisas e dispostos a se surpreender, eles concentram muito da “narrativa” que faísca nos encontros do personagem com vestígios do mundo criativo do artista visual Mauro Caelum (1958-2016), pai do ator.

Mais que render um tributo à poética daquele artista, a *Karma Cia. de Teatro*, da qual faz parte o filho, transforma a herança paterna em substrato para novos arrebatamentos na criação teatral para crianças. Essa travessia entre o universo adulto e o dos pequenos é cumprida como se “CaÊ” reinventasse as possibilidades de uma visita a uma exposição de arte transformando esse encontro na fabulação de um mundo onde as peças habitam.

O renovado espanto diante de cada uma delas instaura uma sensibilidade comum à obra de outro “Caê” – *Alberto Caeiro* (heterônimo de *Fernando Pessoa*), tal qual sintetizada em versos de seu poema “*O meu olhar é nítido como um girassol*”. “*Sei ter o pasmo essencial/ Que tem uma criança se, ao nascer,/ Reparasse que nascera deveras...!*” Eis um olhar de criança, de poeta, de artista, de filósofo: destes que nunca sossegam de surpreender-se e revirar as coisas, e talvez por isso incomodem tanto os burocratas e suas verdades perfeitas.

O diálogo entre as artes gera um espetáculo multimídia e multissensorial. O diretor *Max Reinert* orquestra a ambiência harmoniosa entre os gestos de *Mauro Filho*, o figurino de *Denise da Luz*, os desenhos de *Kim Coimbra*, as sonoridades de *Hedra Rockenback* e animações de *Leandro Maman*; todos, peças de um jogo de sugestões. Os sentidos permanecem abertos, tantos os da visão e audição, quanto as significações que pousam brevemente sobre as cenas e alçam outros voos. A qualidade de relação que “CaÊ” demanda é a de uma peça de arte contemporânea. Ou de uma pedra que, ao ser chacoalhada, revela-se oca, mas faz um barulho sugestivo de que ainda há algo a ser descoberto ali dentro. O palco está coberto por pedras como essas, espaçadas e interligadas entre si como se fossem tabuleiro de um jogo. Elas e os outros elementos cênicos com os quais o personagem CaÊ se relaciona no mundo palpável ou no mundo virtual remetem a peças de *Caelum*. Desde os grafismos no terno vestido por Mauro e os desenhos e versos da animação, até a máscara com a qual o personagem disputa um jogo de estranhamento, concentrado nos malabarismos cômicos do olhar – para os objetos e, ocasionalmente, com a mesma vivacidade, para os espectadores. CaÊ é essa espécie de palhaço-filósofo, menino-artista, tal qual o heterônimo do poeta português, “*nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo*”.

A jornalista **Luciana Romagnolli** é crítica e editora do site **Horizonte da Cena**

Crítica postada originalmente no endereço: <http://6festivaltonicunha.blogspot.com/2019/05/cae-por-luciana-romagnolli.html>

“A rosa dos ventos ou o aprendizado pela pedra” por Valmir Santos

Simpatia É Quase Amor, chama-se assim o celebrado bloco carnavalesco de Ipanema que sai desde os anos 1980, no Rio de Janeiro. O nome é lembrado a propósito da primeira impressão diante do solo “CaÊ”. No teatro, e na arte em geral, a superfície sentimental tem pouca ou nenhuma relevância se os desígnios poéticos ambicionados pelos criadores de uma obra não pararem de pé, digamos assim. Não é o caso do trabalho em análise.

De rosto e olhar mistos de zen e sapeca, o atuante esguio em figurino escuro pontilhado de coloridos sai da coxia saltitante em sua bike estilizada com jeito de velocípede. Ele carrega nas costas uma baita caixa térmica de injejar entregador do serviço de delivery, seu baú de bons achados nas andanças. Nessa volta inicial de reconhecimento sobre o território cênico, de base branca forrada de desenhos gráficos, objetos e pedras em relevo, *Mauro Filho* já tinha o público nas mãos, como se diz dos comediantes à mancheia. E o jogo mal começava.

O artista de fato conseguiu sustentar a primeira impressão ao longo do encontro com as crianças e os adultos na apresentação de “CaÊ” dentro do *Festival Brasileiro de Teatro Toni Cunha*, neste dissimulado inverno de Itajaí.

Entre as muitas acepções de simpatia está a “faculdade de compenetrar-se das ideias ou sentimentos de outrem”. Ou seja, a disposição para as afinidades e reciprocidades daquilo, daquele ou daquela que solicita ou é solicitada, solicitado, enfim, a disposição sempre demandará trabalho considerável de ambas as partes.

A beleza do espetáculo da *Karma Cia. de Teatro* repousa no convencimento da audiência de que tudo está se passando nos conformes da gangorra lírico-lúdica. O abstracionismo rege o sistema cênico da obra conquanto sua matéria-prima seja feita do legado de alguém que soprou a nau da trupe para outra direção que não aquela em que estava concentrada nos ensaios antes da morte do artista visual e poeta *Mauro Caelum* (1958-2016). Esse céu que vem protegendo esta edição do festival com muita solaridade para enfrentar a sombra que pesa sobre a vida brasileira atual. “Caélium” é a pronúncia do sobrenome que quer dizer céu, lemos no livro dedicado ao artista e lançado em 2013 na cidade com o subtítulo: “filosofia, arte e meio ambiente”.

É em nome do pai que *Mauro Filho* e os pares reprocessaram as coordenadas que o acaso impôs. O dispositivo de uma bússola de brinquedo evidencia a metáfora da navegação da qual a equipe tomou tento ao atingir consistência imperceptível numa primeira mirada e resplandecente justamente pela discríção de que ela fosse morar nos detalhes.

A dramaturgia do também diretor convidado *Max Reinert* subtrai o texto – isso mesmo que você leu –, uma faca de dois gumes quando não se quer propor exatamente um espetáculo de mímica. Tampouco a comédia física ou a expressividade da dança.

Combinação assim só vimos em “Nomes do pai” (2010), espetáculo da *Cia. da Memória* (SP) em que *Luis Alberto de Abreu*, expoente da dramaturgia nacional (introdutor da criação colaborativa e parceiro de *Grupo Galpão, Teatro da Vertigem, Cia. Teatro Balagan* e outros), inspirou-se livremente em dois autores tchecos, *Franz Kafka* (“*Carta ao pai*”) e *Rainer Maria Rilke* (“*Cartas a um jovem poeta*”) para abrir mão da palavra.

Na psicanálise, Lacan atribui função simbólica à expressão “nome do pai” para destacar que a filiação também é um fato da linguagem. Aliás, um dos seus aforismos mais conhecidos versa sobre “o inconsciente estruturado como uma linguagem”.

“CaÊ” oferta meio termo singular que confere certa remissão à cultura oriental na gestualidade precisa, jamais virtuosística, e na ambientação sonora (por *Hedra Rockenbach*), da qual a canção-chefe “Mundo novo” flerta com a poesia concreta (“*um ovo/ mundo novo/ mundo novo eu vi/ um ovo mundo novo/ e vou partir daí*”). Soa como mantra.

Em suas linhas geométricas, fios infinitos puxados pela narrativa não verbal, o atuante movimenta-se por meio das lateralidades e perpendicularidades. A sinopse dessa experiência poderia ser resumida ao chamado para circular por aí, viajar com a criança livre dos pais e responsáveis.

Imagens projetadas somam texturas, como o desenho da rosa dos ventos que delinea os pontos cardeais e seus intermediários e serve para a navegação geográfica ou para a localização de determinado corpo ou objeto em relação a outro.

A memória do pai que sublimou a arte no ato de viver permite ao atuante configurar a si, condutor de fundo autobiográfico tocante e devidamente distanciado sem perder a divisa do afeto. Como se um contador de história, porém não estrito ao formato dessa prática. Não há roda, mas sentimo-nos como se numa, em plena relação frontal da sala multiuso da Inventiva Itajaí. Por isso, finda a apresentação, o público demorou a se mexer, bebês incluídos. Não queria ir embora do habitat forjado do aprendizado pelas pedras do caminho nas escolhas poéticas.

Em *A educação pela pedra* (1965), o escritor pernambucano *João Cabral de Melo Neto* esquiva-se do poema sentimentalista, entre outras escolhas, sem que a rigurosidade formal o impedisse de incorporar temas os mais triviais.

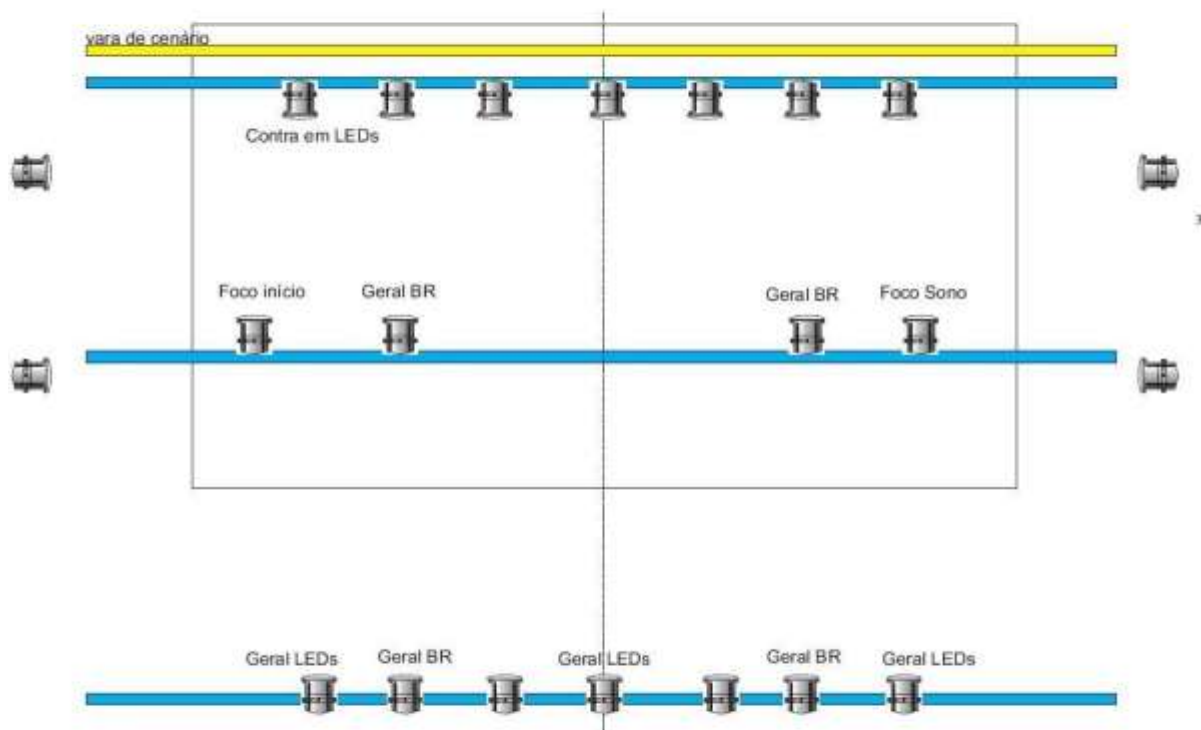
A sensorialidade da fábula encenada por Reinert é a espinha dorsal do convite ao jogo de acampar e desacampar que formula (joelheiras e cotoveleiras dimensionam o tamanho da tarefa do ator). Isso significa tomar a plateia pelas mãos do imaginário, deslocá-la para o farol da ilha da utopia no interior de cada testemunha.

Antes, o próprio *Mauro Filho* dá notícias do distanciamento autobiográfico nos pesos e contrapesos da peregrinação, sóis e luas adentro. De repente a narrativa guina para a ancestralidade. Uma máscara que parece feita de papel machê, como aquelas gestadas pelo artista homenageado, apresenta traços de povos originários e a sonoridade confirma a discreta saudação aos que vieram antes de nós. Num átimo, fomos transportados lá para os tempos imemoriais.

O jornalista e crítico **Valmir Santos** é editor do site *Teatrojornal – Leituras de Cena*
Crítica postada originalmente no endereço: <http://6festivaltonicunha.blogspot.com/2019/05/cae-por-valmir-santos.html>



mapa de luz CaÊ



Lista de Materiais

12 refletores LED 32W RGBW
10 refletores PC 1000W

Mesa de luz, hack e cabos compatíveis para esse material, sem nenhuma necessidade específica

mapa de som CaÊ

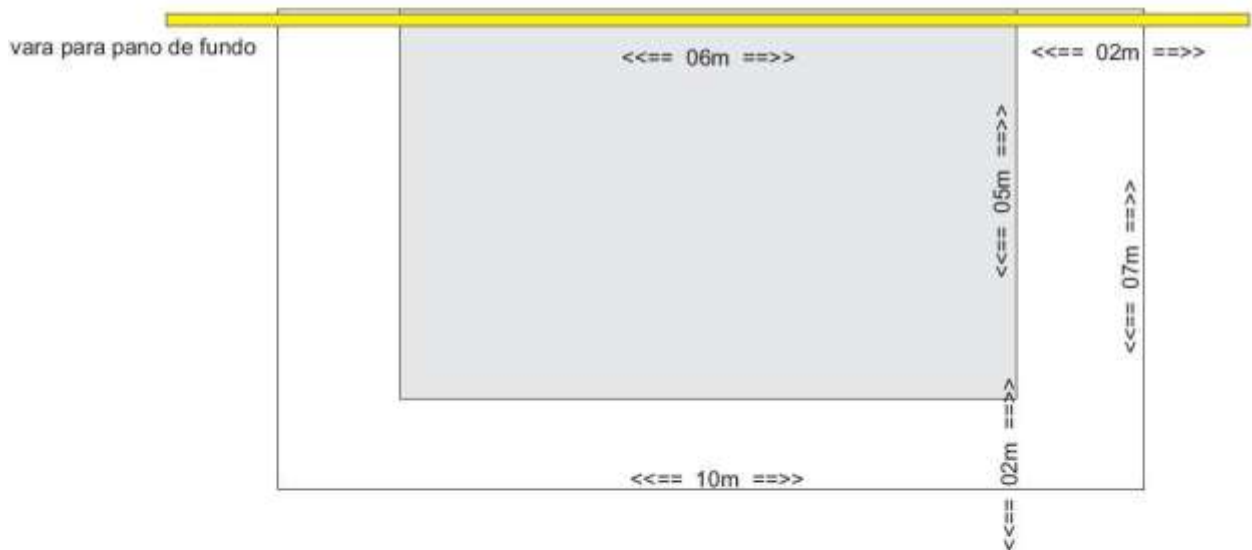


Lista de Materiais

Mesa de som com entrada para cabo P2 (notebook) e cabo P2 (Projeção)

Caixas de som compatíveis com o espaço de apresentação: O som deve ser claro e com boa altura

mapa de palco CaÊ

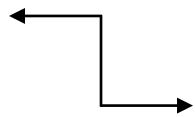




Currículo do espetáculo

- estreia na Itajaí Criativa Residência Artística - abril/2018
- SESC Itajaí - maio/2018
- projeto Conexões Contemporâneas, Itajaí/SC - setembro/2018
- projeto Vamos ao Teatro! Fundação Cultural de Itajaí - outubro/2018
- téti - festival de arte e cultura para a infância - Caxias do Sul/RS - abril/2019
- 6º Festival Brasileiro de Teatro Toni Cunha - maio/2019
- Teatro da SCAR - Jaraguá do Sul/SC - maio/2019
- projeto Conexões Contemporâneas, Itajaí/SC – agosto/2019
- projeto EmCena Catarina – SESC –circulação por 12 cidades catarinenses - outubro/2019
- cena crianças – SESI Paraná – Curitiba – abril/2022





Karma Coletivo de Artes Cênicas

A **Karma Coletivo de Artes Cênicas** formada pelos artistas Mauro Filho, Leandro Cardoso e Lídia Abreu estabelece relações nas intersecções das linguagens da dança, teatro e performance. A pesquisa coletiva tem foco em conceitos como dramaturgia expandida, fisicalidade e presença. Seus trabalhos buscam dialogar com o tempo presente, através de procedimentos cênicos, ações de formação e encontros. o coletivo tem residência em Itajaí, estado de Santa Catarina desde 2013. Atualmente mantêm em seu repertório os trabalhos **CaÊ (2018)**, **Dentre (2021)** e **Proibido Acesso (2021)**.

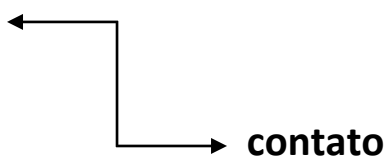
Desde sua fundação vem se apresentando em diversas mostras e festivais pelo Brasil e exterior, com destaque para FIAED - Festival Internacional de Artes Escénicas por la Diversidad (Lima/Peru), Festival Brasileiro de Teatro Toni Cunha (Itajaí/SC), Floripa Teatro - Festival Isnard Azevedo (Florianópolis/SC), Festival Nacional de Teatro (Floriano/PI), Festival Nacional de Teatro Cacilda Becker (Pirassununga/SP), Festival Nacional de Teatro (Chapecó/SC), FIT Bahia - Festival Ipitanga de Teatro (Lauro de Freitas/BA), Mostra Nacional de Teatro (Hortolândia/SP), FACE - Festival de Artes Cênicas (Bauru/SP), FENATA - Festival Nacional de Teatro (Ponta Grossa/PR), Téti - Festival de Arte e Cultura para a Infância (Caxias do Sul/RS), Mostra de Artes Cênicas de Jacareí (Jacareí/SP) e FESTINFANTE - festival de teatro e artes integradas para a infância (Itajaí/SC), FIT Dourados - Festival Internacional de Teatro de Dourados (Dourados/MS), FACCI - Festival de Artes Cênicas de Cachoeiro do Itapemirim (ES). Foi convidada também para participar dos projeto Dramaturgia: Leituras em Cena do SESC, onde recebeu a orientação de Andrea Ojeda, Renato Turnes e André Carreira. Em 2019, a Karma integra a mostra EmCenaCatarina 2019 do Sesc em Santa Catarina, maior circuito de artes cênicas do estado, em 12 municípios catarinenses com o espetáculo "CaÊ".

Além da criação e manutenção de espetáculos, o coletivo possui também em seu repertório o fomento a projetos de formação para artistas da cena por meio do Conexões Contemporâneas, que promove oficinas intensivas com profissionais de renome das artes da cena, além de apresentações de espetáculos. Este projeto conta com participação de artistas de várias cidades de Santa Catarina e de outros estados brasileiros suas três edições (2016, 2018 e 2019). Contou com formações de Bárbara Biscaro, Elke Siedler, Denise da Luz, Janaína Matter, Renato Turnes, Roberto Audio, Adriano Guimarães, Georgette Fadel e Lisandro Belotto.



espetáculo na íntegra

<https://youtu.be/xlzk07lBwC4>



karmacoletivo.arte@gmail.com

(47) 997178114 / (47) 999209593

Karma Coletivo de Artes Cênicas

www.karmacoletivo.com

Itajaí, Santa Catarina.